

Boa Nova para cada dia / agosto 2017

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos e Dias Santos)

Tempo Comum – Transfiguração do Senhor / Assunção da Virgem Santa Maria

Ter, 1 – SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO (Memória)

Ex 33, 7-11; 34, 5-9.28 / Slm 102 (103), 6-11 / Mt 13, 36-43

Os ceifeiros são os anjos. (Evang.)

Eu acho muito importante que percebamos bem isto: os ceifeiros são os anjos e não nós. Não nos compete a nós fazer aceção de pessoas, por muito que às vezes apeteça. Temos que habituar o nosso coração a não fazer aceção de pessoas, a não ser daquelas que nos fazem mal. Essas temos de as pôr de lado. Chama-se autodefesa. Para além disto, só Deus tem legitimidade para nos apartar. O leitor peça a graça de não fazer aceção de pessoas. É difícil.

Qua, 2 – SEMANA XVII DO TEMPO COMUM

Ex 34, 29-35 / Slm 98 (99), 5-7.9 / Mt 13, 44-46

Foi vender tudo quanto possuía... (Evang.)

Nesta parábola, Jesus diz-nos que o reino dos Céus é mais valioso do que tudo. Por isso, hoje façamos um exame de consciência: vejamos se a relação com Deus é mais importante que os meus filhos, a minha mulher, o meu marido, os meus pais. Se sim, em que é que isso se traduz, na prática? Se não, porquê? Porque é que o reino dos Céus ainda não tem aquele brilho que «me encanta»? Será por falta de convivência com ele? Seja qual for a resposta, o leitor reze sobre ela.

Qui, 3 – SEMANA XVII DO TEMPO COMUM

Ex 40, 16-21.34-38 / Slm 83 (84), 3-6a.8b.11 / Mt 13, 47-53

Os anjos sairão a separar os maus. (Evang.)

A leitura de hoje faz-nos pensar na nossa vida além túmulo. Não sabemos como é, mas sabemos que alguma ligação terá com o que fazemos aqui, o que é um bom motivo para nós sermos o melhor que conseguirmos, porque de alguma maneira isso se há de refletir do outro lado. É o respeito de Deus pela nossa liberdade. Se Deus não respeitasse a nossa liberdade, faria tábua rasa de todas as nossas ações e, do lado de lá, tratar-nos-ia a todos por igual. O leitor reze a Deus sobre o seu lugarzinho no Céu.

Sex, 4 – s. JOÃO MARIA VIANNEY (Memória) / 1ª Sexta-Feira

Lev 23, 1.4-11.15-16.27.34b-37 / Slm 80 (81), 2-6ab.10-11ab / Mt 13, 54-58

Um profeta só é desprezado na sua terra. (Evang.)

Jesus não foi considerado na sua terra. Mais, era motivo de escândalo, apesar de as pessoas reconhecerem as maravilhas que fazia. Ao mesmo tempo, porém, diziam: «não pode ser». Nós temos muitas ocasiões de não aceitarmos o outro por causa de preconceitos. Se não gostamos nada de uma pessoa, tendemos a não ver o que ela tem de bom. Se não gostamos de um político, tendemos a não ver o que ele fez de bom, etc. Hoje o leitor peça ao Espírito Santo que o faça ver os seus preconceitos e em relação a quem.

Sáb, 5 – SEMANA XVII DO TEMPO COMUM / 1º Sábado

Lev 25, 1.8-17 / Slm 66 (67), 2-3.5.7-8 / Mt 14, 1-12

Nenhum de vós prejudique o seu próximo. (1ª Leit.)

Talvez já não estejamos na fase de um comportamento primário de fazer mal ao próximo. Mas podemos fazer um mal imenso, não fazendo bem por todas as ocasiões que deixamos passar: os introvertidos, porque se arrepiam com mais um contacto; os extrovertidos, porque não param para fugir à novidade permanente. Muitas vezes, para fazermos bem, para fazermos ainda mais bem, temos que sair dos nossos hábitos, quebrar uma corrente dentro de nós. Peçamos a graça dessa força.

Dom, 6 – TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR (Festa) – Ano A

Dan 7, 9-10.13-14 / Slm 96 (97), 1-2.5-6.9.12 / 2 Pedro 1, 16-19 / Mt 17, 1-9

«Este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência. Escutai-O», diz a voz que vem do céu. No Evangelho de S. Mateus, Deus Pai fala por duas vezes e, por duas vezes, nos diz que Jesus é o seu Filho muito amado. A primeira vez é no batismo, confirmando a escolha de Jesus. A segunda é neste episódio da Transfiguração, colocado depois do anúncio da morte e ressurreição e que antecipa a glória pascal.

Na festa que hoje celebramos, a Transfiguração da Senhor, o Evangelho proclamado apresenta-nos um episódio carregado de simbolismo bíblico: dois personagens, Moisés e Elias, a Lei e os profetas. O ambiente desta passagem recorda-nos Moisés que subiu ao monte Sinai com «Aarão, Nadab, Abiú e setenta dos anciãos» e como, ao sétimo dia, foi chamado por Deus a entrar na nuvem de onde saía a sua voz (cf. Ex 24). Somos também recordados como, depois deste episódio, Moisés desce do monte com rosto *resplandecente*. Moisés, a quem Deus afirma que enviará um profeta que devemos escutar, o Messias que nos salva, *resplandece*.

Moisés vê o Senhor face a face e o seu rosto *resplandece*. Também nós, tal como Pedro,

Tiago e João, somos chamados a ver o Senhor num encontro face a face, na nossa vida, para sermos transformados naquilo que Ele é, para sermos configurados com o Filho. O que realiza esta *configuração* é o amor que colocamos em tudo o que somos e fazemos. Amando, realizamos em nós a *imagem de Deus* e também o nosso rosto resplandece, como o do Senhor.

Pedro, Tiago e João, vendo Moisés e Elias a falar com o Senhor, apercebem-se da grande beleza daquele encontro. Então, Pedro não resiste e diz: «como é belo estarmos aqui!»! Mais do que «bom», Pedro diz que é «belo». Na verdade, o amor realiza-se na beleza e Pedro vê como é belo o Senhor que não é outra coisa senão amor. Pedro, Tiago e João, porque amam, podem ver o Senhor como Ele é realmente; podem ver a beleza do Amor no rosto do Senhor e, por isso, Pedro quer ficar ali, porque é belo estar ali. Na presença do Senhor, o Deus de beleza, somos também nós «belos», porque não precisamos de nos esconder ou mascarar, mas podemos ser nós mesmos. Fora d'Ele, estamos fora do nosso lugar e, como um ombro deslocado que magoa, tudo parece feio e agressivo. Por isso, somos pe-

regrinos nesta terra: peregrinos à procura do rosto do Pai que faz da nossa vida um lugar de beleza, de amor e de encontro.

Quem se deixa «lavar» pelo olhar misericordioso do Pai pode ver as coisas como elas são na verdade, isto é, como o

Pai as vê. Assim, pode perceber que a santidade, à qual somos todos chamados, é deixar-se habitar pelo Espírito Santo, fazendo seus os critérios d'Ele, e, desse modo, encontrar Cristo em tudo.

Seg, 7 – SEMANA XVIII DO TEMPO COMUM

Num 11, 4b-15 / Slm 80 (81), 12-17 / Mt 14, 13-21

Cheio de compaixão, curou... (Evang.)

Hoje peçamos a graça da compaixão, a graça de aceitarmos as pessoas de quem não gostamos. O nosso gesto natural é erguermos uma barreira entre essas pessoas e nós. Peçamos a graça de, aos poucos, as irmos aceitando. De Deus nos dar um coração de carne e não de pedra, de Deus nos ir tirando a irritação – às vezes irracional – que essas pessoas nos causam.

Ter, 8 – S. DOMINGOS (Memória)

Num 12, 1-13 / Slm 50 (51), 3-7.12.13 / Mt 14, 22-36

Ouvi-me e procurai compreender: Não é o que entra na boca que torna o homem impuro. (Evang.)

Isto faz-me lembrar o jejum quaresmal. O jejum quaresmal é importante, mas a caridade é mais importante. Só que o jejum – seja quaresmal ou não – é mais simples de fazer e, nessa medida, mais acessível. Por cada jejum que fazemos, devíamos perguntar-nos como anda a nossa relação com os outros. A relação com os outros (e conosco) é o espelho da nossa alma, é onde vemos como anda a nossa alma. O leitor veja como anda a sua relação com uma pessoa concreta.

Qua, 9 – SANTA TERESA BENEDITA DA CRUZ (Festa)

Os 2, 16b.17b.21-22 / Slm 44 (45), 11-12.14-17 / Mt 25, 1-13

As que estavam prontas entraram (...) e fechou-se a porta. (Evang.)

Esta leitura diz respeito ao estado de preparação para se ir para o Céu. Mas uma leitura à letra da frase citada também nos pode lembrar o quanto amamos se somos pontuais. O leitor faça um exame de consciência sobre isto. Como saberá, há pessoas que, por sistema, não são pontuais. O leitor será uma delas? Ou, por exemplo, chega atrasado quando acha que isso não tem consequências para si? Se é pontual, agradeça isso a Deus, se é atrasado, será que não podia amar mais?

Qui, 10 – S. LOURENÇO (Festa)

2 Cor 9, 6-10 / Slm 111 (112), 1-2.5-9 / Jo 12, 24-26

Quem semeia abundantemente também colherá abundantemente. (1ª Leit.)

Logo, parece que o segredo está na sementeira. A sementeira pode ser aquilo que colocamos no coração do outro e que depois cresce lá dentro. Quantas coisas que nos foram dizendo ao longo dos anos – boas e más – temos gravadas no nosso coração. Nós também contribuímos para isso no coração do próximo. Tenhamos cuidado com o que dizemos, vigiemo-nos a nós próprios. Peçamos a Deus a graça da vigilância.

Sex, 11 – SANTA CLARA (Memória)

Deut 4, 32-40 / Slm 76 (77), 12-16.21 / Mt 16, 24-28

Renuncie a si mesmo. (Evang.)

Uma vez essa opção tomada, as dificuldades não terminam. O pecado continua e nem sempre a oração é consolada. Mas o que caracteriza este estádio é que a pessoa não se quer desapegar de Deus. A pessoa não quer cometer nenhum pecado mortal. Falta avançar para o estádio seguinte, que é não querer cometer nenhum pecado venial, o que é muito difícil, por causa dos pecados de omissão. O leitor peça essa graça.

Sáb, 12 – SEMANA XVIII DO TEMPO COMUM

Deut 6, 4-13 / Slm 17 (18), 2.3.7.47.51 / Mt 17, 14-20

Oh geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco? (Evang.)

Isto era o que Jesus dizia aos que O rodeavam. Hoje o leitor contemple e agradeça o facto de Jesus não lhe dizer o mesmo. Suponho que Jesus não tem razão para chamar ao leitor «incrédulo e perverso». Do mesmo modo, Jesus também não lhe diz, enfasiado, «até quando estarei convosco?». Hoje o leitor goze esta realidade que é ter sempre Jesus consigo e o facto de Jesus querer estar sempre consigo. (Agradeça.)

Dom, 13 – DOMINGO XIX DO TEMPO COMUM – Ano A

1 Reis 19, 9a.11-13a / Slm 84 (85), 9-14 / Rom 9, 1-5 / Mt 14, 22-33

«*Salva-me, Senhor!*» Esta é a raiz e a fonte da fé. O fundamento essencial da adesão a Cristo. É a consciência da nossa incapacidade de nos salvarmos a nós mesmos que nos abre à possibilidade de acolher o Senhor. É a *experiência* de sermos salvos, que se segue à consciência de que só Ele pode salvar, que nos leva a reconhecer o Senhor atuante e presente na nossa vida.

No Evangelho de hoje, vemos Jesus que tinha acabado de saciar a multidão com os pães e os peixes. Se calhar, os discípulos queriam ficar ali a «saborear» aquele momento de glória, mas Jesus «*obrigou os discípulos a subir para o barco*». O Pão, que é o corpo do Senhor, é alimento para caminhar, para avançar e não para ficar parado. Com os discípulos na barca e a multidão despedida, Jesus sobe ao monte para rezar. Ele, em comunhão com o Pai, envia os seus discípu-

los na barca: é isto que acontece connosco quando encontramos o Senhor e somos saciados pelo seu corpo, na Eucaristia.

Dentro da barca da Igreja, somos convidados a atravessar deste para o outro lado da vida com a certeza, que nos dá o Senhor, de que Ele estará sempre connosco, até ao fim dos tempos. Pedro, como em muitas outras passagens, representa cada um de nós e toda a Igreja: quando olhamos para o Senhor, quando temos confiança na sua promessa, conseguimos avançar na sua direção, na certeza de que estamos com Ele e de que nada nesta vida nos poderá afastar do seu amor. Por outro lado, quando começamos a olhar para as nossas dificuldades, ficamos com medo, começamos a ir ao fundo e o mundo parece-nos um lugar agressivo, violento e perigoso. É aqui que nos resta sempre o grito: «*salva-*

-me, Senhor!» Este grito faz com que desviemos os olhos dos nossos problemas e das nossas angústias e dirijamos o olhar para Cristo, nosso Senhor.

Esta é a condição da Igreja, a barca em que navegamos nesta vida, e é a nossa condição: o Senhor está junto do Pai a interceder por nós, Pontífice supremo, divino-humano, presente no meio de nós como Amor fraterno, habita os nossos corações, não como um fantasma, mas como *Aquele-que-é* a potência salvadora de Deus, como Espírito de verdade e de Amor.

Jesus partiu, *subiu* definitivamente ao monte e o seu modo de estar connosco não é senão a ausência, é o Ausente que venceu a morte e caminha, junto a nós, sobre as águas, por vezes tempestuosas, que temos de atravessar ao longo da vida.

O Senhor é também *Aquele-que-vem*, que está sempre a vir: Ele subiu ao Pai, mas não deixou de ser *Aquele-que-vem* ao nosso encontro, presente no Pão, na Palavra e nos irmãos que connosco fazem esta travessia dentro da mesma barca, símbolo da comunidade que é a Igreja. Esta, tal como cada um de nós, acolhendo o convite do Senhor a confiar e dirigir-Lhe o olhar, caminha sobre as águas. No entanto, se começa a olhar demasiado para os próprios problemas, necessidades e dificuldades, afunda. Mas sempre, sempre nos resta o grito daquele que sabe que sozinho não se pode salvar, resta-nos sempre a invocação do nome d'Aquele que salva. Esta aventura de Pedro é a aventura da vida de cada um de nós e da Igreja. *Senhor, salva-me!*

Seg, 14 – S. MAXIMILIANO MARIA KOLBE (Memória)

Deut 10, 12-22 / Slm 147, 12-15.19-20 / Mt 17, 22-27

[o Senhor não] aceita presentes. (1ª Leit.)

Isto faz-nos lembrar as palavras do Papa, em maio passado, dizendo que não se pode usar Nossa Senhora como uma santinha distribuidora de benesses. Deus também não é subornável. Podemos pedir-Lhe coisas, mas sem presentes. O presente quer comprometer o «dispensador de serviços», quer forçar, quer tirar a liberdade. Ora nós não podemos tirar a liberdade a Deus. Não tiramos a liberdade a Deus. Nós é que ficamos presos pelo nosso pecado. Hoje o leitor peça a graça de uma relação límpida com Deus.

Ter, 15 – ASSUNÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA (Solenidade) – Ano A

Ap 11, 19a; 12, 1-6a.10ab / Slm 44 (45), 10-12.16 / 1 Cor 15, 20-27 / Lc 1, 39-56

Hoje celebramos a Assunção da Virgem Santa Maria, um dos quatro dogmas marianos. O mais antigo, declarado no ano de 431, afirma que Maria é *Mãe de Deus*. Depois, em 553, seguiu-se o dogma da concepção virginal de Nossa Senhora e só em 1854, mais de mil anos depois, é declarada a Imaculada Conceção de Maria. Finalmente, em 1950, o dogma que hoje celebramos, a Assunção de Nossa Senhora ao Céu.

Estamos, se calhar, tão habituados a chamar «*Mãe de Deus*» a Maria que nem nos apercebemos da grandiosidade do que estamos a dizer. É difícil imaginar o que seriam os primeiros tempos da Igreja, no século V, um momento histórico em que esta deixara há pouco de ser perseguida: juntaram-se os bispos, teólogos, padres e também leigos num grande Concílio. Estavam, na verdade, a discutir se Jesus era Deus ou homem... e acabaram por compreender que era *verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem*. Então Maria foi declarada verdadeiramente mãe de Deus. Se Jesus era verdadeiramente Deus e

verdadeiramente homem, sem confusão nem separação, então Maria teria de ser a *Theotokos*, a Mãe de Deus!

Quando rezamos a *Avé-Maria*, estamos a dizer uma coisa grandiosa: Maria, um ser humano como todos nós, é a *Mãe de Deus*! Deus, o nosso criador e Senhor, faz-Se verdadeiramente um de nós e nasce de uma mulher: é realmente Deus conosco. Fazendo-Se assim um de nós, deu-nos também uma Mãe, advogada nossa, poderosa intercessora, companheira de viagem que, tal como lemos nos Evangelhos, está muito próxima de nós: percorreu o caminho de fé, que às vezes é obscuro e cansativo, não entendeu tudo, pediu explicações ao anjo, admirou-se por vezes com aquilo que o seu Filho dizia e com aquilo que d'Ele se dizia; e esteve aos pés da cruz...

No Evangelho de hoje, Maria é proclamada «*feliz*». Feliz não porque tenha tido uma vida sem problemas e sem sofrimento, mas porque *acreditou que iria acontecer tudo quanto lhe foi dito pelo Senhor*. A Palavra de Deus promete-nos uma vida

plena e abundante, uma vida feliz para quem confiar n'Ele, tal como Maria. Por vezes, pensamos que a felicidade seja a ausência de problemas e, por isso, continuamos a preferir confiar em nós mesmos e nos nossos raciocínios, nos nossos projetos... Sem que nos apercebamos, começamos a viver como se, na prática, não acreditássemos em mais nada que não seja nesta vida.

Maria é feliz porque acreditou. Não é fácil acreditar, especialmente quando parece que temos de ir contra o bom senso, contra tantas coisas que o

mundo nos sugere como sendo importantes para a felicidade. Temos em Maria, *assumida* integralmente por Deus, em corpo e alma, uma aliada que nos pode ajudar a encontrar o sentido da fé e da vida. Ela, que é uma de nós, pode ajudar-nos a encontrar o seu Filho na nossa vida. Ela, que passou pelos sofrimentos da vida com os olhos postos no seu filho, se calhar não nos tirará os nossos sofrimentos, mas está, com certeza, connosco e ajuda-nos sempre a dar sentido aos nossos sofrimentos e lutas, para que tenhamos uma vida feliz e realizada.

Qua, 16 – SEMANA XIX DO TEMPO COMUM

Deut 34, 1-12 / Slm 65 (66), 1-3.5.9.16-17 / Mt 18, 15-20

Onde estão dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles. (Evang.)

O que é estar reunido em nome de Cristo? É na igreja? Um grupo de oração? É onde um cristão veste o nu, dá água a quem tem sede. Se não faz isto, então quando está na igreja não está em nome de Cristo, porque Cristo dirá: não te conheço de lado nenhum. É a triste ou alegre realidade. Se ao domingo vai à missa todo contente e não ajudou ninguém, é melhor não ir e ir reconciliar-se com o seu irmão. Reze sobre isto.

Qui, 17 – SANTA BEATRIZ DA SILVA (Memória)

Jos 3, 7-10.11.13-17 / Slm 113 A (114), 1-6 / Mt 18, 21 – 19, 1

Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete. (Evang.)

Hoje peçamos o dom de nos perdoarmos a nós próprios. Quantas vezes não andamos cá dentro com coisas que fizemos ou dissemos e que nos atormentam porque magoámos outras pessoas e

ainda não nos perdoámos. (E, quem sabe, as outras pessoas já esqueceram.) Hoje peçamos o dom da pacificação interior.

Sex, 18 – SEMANA XIX DO TEMPO COMUM

Jos 24, 1-13 / Slm 135 (136), 1-3.16-18.21-22.24 / Mt 19, 3-12

Foi por causa da dureza do vosso coração que... (Evang.)

Foi por causa da dureza do coração dos antepassados dos fariseus que Deus teve que pôr leis mais lassas. Mas agora Jesus, que vem pregar a mansuetude e a humildade, vem dizer que o coração quer-se mole e a bater. O coração quer-se empático, o coração quer-se de mão estendida, quer-se aberto, quer-se maleável e resistente para não haver divórcio. Peçamos a Deus um coração maleável, resistente, com resiliência para não haver divórcios entre os outros e nós.

Sáb, 19 – SEMANA XIX DO TEMPO COMUM

Jos 24, 14-29 / Slm 15 (16), 1-2a.5.7-11 / Mt 19, 13-15

Senhor (...) está nas vossas mãos o meu destino. (Salmo)

O leitor está nas mãos do Amor e o Amor está nas suas mãos. O Amor pôs-se voluntariamente nas suas mãos, porque o leitor pode amar ou não. Hoje o leitor peça a graça da imaginação no amor. Amar precisa de imaginação para se fugir à rotina, para o amor ser renovado. Quantas coisas não morrem por falta de imaginação? Quantas obras não se renovam por falta de imaginação? É preciso imaginação na família, no trabalho, na Igreja. O leitor peça a grande graça da imaginação.

Dom, 20 – DOMINGO XX DO TEMPO COMUM – Ano A

Is 56, 1.6-7 / Slm 66 (67), 2-3.5-6.8 / Rom 11, 13-15.29-32 / Mt 15, 21-28

Nos Evangelhos fala-se frequentemente de personagens de grande fé. Pessoas que Jesus elogia. Mas como se pode medir a fé de alguém? Quais serão os critérios? Para pensarmos nesta

questão é necessário esclarecer o que é a fé. Tradicionalmente, dizia-se que ter fé significava acreditar como sendo verdadeiro aquilo que Deus revelou e que a Igreja propõe que

acreditemos. Portanto, o cristão é aquele que aceita os ensinamentos sobre a Santíssima Trindade, a divindade e humanidade indivisas e inseparáveis de Jesus Cristo e todas as outras questões da doutrina católica. Isto é verdade, mas se calhar não é o núcleo da questão da fé.

S. Paulo propõe Abraão como modelo de fé. Como é óbvio, o «nosso pai na fé» não conheceu o Novo Testamento e a mensagem de Jesus Cristo, nem sequer o Antigo Testamento! Parece, portanto, que a fé de Abraão não tem os conteúdos que consideramos centrais, mas tem, desde o seu início, o fundamental: Abraão acreditou em Deus. Sabia que Deus estava presente na sua vida e que lhe falava. Confiava que Deus não o abandonava.

A nossa fé não é um mero acreditar em conceitos, mas uma relação com Alguém que acreditamos estar sempre conosco. Ter fé é começar o dia com um Pai-Nosso, oferecendo-Lhe tudo o que será o dia que começa. Mesmo que durante o dia a presença de Deus até passe despercebida, este é já um primeiro grau de fé. Ter fé é fazer elevar o pensamento e o coração a Deus antes de cada coisa que fazemos, pedindo a bênção de Deus. Num grau

mais elevado, ter fé é conservar no coração a certeza da presença de Deus em tudo o que fazemos ao longo de cada dia.

A fé liberta-nos do medo. Quando uma criança está com medo do escuro e não consegue sair do local onde está, basta-lhe a presença do pai para que o medo desapareça, porque se sabe protegida. A certeza de não estarmos sozinhos liberta-nos dos medos e angústias do futuro. Os nossos medos são mais difíceis do que os de uma criança, tememos pelas responsabilidades, a família, o trabalho, a incerteza dos nossos tempos. As vidas dos santos e de personagens como a do Evangelho de hoje são para nós exemplo de como estes permanecem em paz por causa da fé em Deus. Sabem que o Senhor está com eles e os protege contra o verdadeiro mal. Confiam a vida, na certeza de que nada nesta vida os pode separar do amor do Pai.

«Mulher, é grande a tua fé», diz o Senhor a esta mulher que faz a maior profissão de fé que podemos fazer: «Senhor, Filho de David, tem compaixão de mim». O dom de Deus é para quem o pede com confiança, na certeza de que Ele nos concede aquilo que verdadeiramente precisamos, e não para quem julga ter

direito a ele. Esta mulher sabe não ter direito: ainda mais, sabe que é pagã, considerada sem direitos por parte do povo eleito. Precisamente por saber que não tem direito, suplica ao Senhor que tenha compaixão dela, que tem a filha «atormentada».

É a fé, para além de todas as barreiras culturais e religiosas,

que abre a porta do nosso coração para que Deus possa agir. É a confiança em Deus, para lá de toda a razoabilidade, que abre o coração e salva esta mulher. Os dons de Deus são sempre infinitos, mas ficam limitados pela abertura do nosso coração e da nossa fé.

Seg, 21 – S. PIO X (Memória)

Jz 2, 11-19 / Slm 105 (106), 34-37.39-40 / Mt 19, 16-22

Tudo isso tenho eu guardado. (Evang.)

A resposta do rapaz já nos diz que ele não tinha guardado todos os mandamentos, como disse a Jesus. Não guardava o primeiro, que diz que é preciso amar a Deus sobre todas as coisas. Ora, ele amava mais as suas riquezas. A resposta do rapaz é um convite a vermos como é que fazemos o nosso exame de consciência ou a preparação para a confissão. Porque podemos andar a enganar-nos a nós próprios como o rapaz se enganava a si próprio. Hoje vejamos isso.

Ter, 22 – VIRGEM SANTA MARIA, RAINHA (Memória)

Jz 6, 11-24a / Slm 84 (85), 9.11-14 / Mt 19, 23-30

No mundo renovado, quando o Filho do homem vier... (Evang.)

Nós renovamos o mundo com a graça de Deus e Jesus vem. Porque é que Jesus só pode vir no mundo renovado? Porque Jesus não Se mistura com o mal. É, pois, nossa missão renovar o mundo. E o mundo renova-se «palmo a palmo», naquilo que está à nossa volta e dentro de nós. Hoje o leitor veja o que é que pode renovar para amar melhor.

Qua, 23 – SEMANA XX DO TEMPO COMUM

Jz 9, 6-15 / Slm 20 (21), 2-7 / Mt 20, 1-16

Amigo, em nada te prejudico. (Evang.)

Para percebermos bem esta parábola temos de prestar atenção a que os trabalhadores da última hora não vieram trabalhar mais cedo porque ninguém os chamou. Não foi porque tivessem estado a mandriar e só tivessem aparecido na última. Penso que assim ficamos mais pacificados em relação à aparente injustiça do salário dos trabalhadores da última hora. Peçamos a graça de nos alegrarmos com a prosperidade dos nossos irmãos.

Qui, 24 – S. BARTOLOMEU, Apóstolo (Festa)

Ap 21, 9-14 / Slm 144 (145), 10-13.17-18 / Jo 1, 45-51

Graças vos deem, Senhor, todas as criaturas. (Salmo)

Hoje proponho ao leitor observar as coisas boas do mundo (pode fazer uma lista com aquelas à sua volta) e agradecê-las a Deus, no intuito de fazer aumentar o seu amor por Ele. Exercício tanto mais necessário quanto, segundo o telejornal, Deus parece ser a parte fraca da história contemporânea. Os meios de comunicação social, ao darem mais relevo ao que de mal acontece, levam-nos a pensar que o mal domina. O leitor contrarie essa imagem com este exercício.

Sex, 25 – SEMANA XX DO TEMPO COMUM

Rute 1, 1-2a.3-6.14b-16.22 / Slm 145 (146), 5-6ab.7-10 / Mt 22, 34-40

Amarás (...) como a ti... (Evang.)

Neste capítulo do amor ao próprio – que é diferente do amor próprio – concentremo-nos na nossa dignidade. Amarmo-nos é, também, insistirmos na nossa dignidade. É uma dignidade que nos é dada pelo nosso amor ao outro. Ao insistirmos para que o outro respeite a nossa dignidade, estamos a amá-lo – estamos a fazer uma coisa boa para ele – e estamos a amar-nos ao mesmo tempo. Peçamos a Deus o dom de sabermos exigir que respeitem a nossa dignidade.

Sáb, 26 – SEMANA XX DO TEMPO COMUM

Rute 2, 1-3.8-11; 4, 13-17 / Slm 127 (128), 1-5 / Mt 23, 1-12

Aquele que for o maior entre vós será o vosso servo. Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado. (Evang.)

Cada um tem de servir consoante as suas características, consoante o seu temperamento. Conheço pessoas que só se dão bem a movimentarem-se. Conheço outras cujo ideal é estarem todo o santo dia em frente a um computador a escrever, mas cada um destes grupos serve à sua maneira. O importante é que essas atividades não autocentrem a pessoa, mas sejam um serviço. E, além disso, que a pessoa não se vanglorie. Hoje o leitor analise o seu serviço.

Dom, 27 – DOMINGO XXI DO TEMPO COMUM – Ano A

Is 22, 19-23 / Slm 137 (138), 1-3.6.8bc / Rom 11, 33-36 / Mt 16, 13-20

Há algum tempo, um sacerdote foi interpelado por dois jornalistas de uma pequena rádio que gostariam de conhecer um pouco mais da sua vida em favor dos outros. Terminada a entrevista, ele resolveu oferecer uma medalhinha com a imagem de Cristo. Diante da oferta, foi surpreendido com uma pergunta inesperada: «Mas, Sr. Padre, quantos são os cristos? Há aquele de Nazaré, não é? Depois o que aparece nos ícones e muitos outros que não sei dizer. É assim, não é?». Este sacerdote procurou perceber quem era aquela pessoa e compreendeu que vinha de uma família sem nenhuma formação cristã e que quis *preservar* a filha da religião. O que diriam as pessoas com quem nos cruzamos todos os dias se lhes perguntássemos por Cristo ou por Jesus?

E na Palestina do tempo de Je-

sus? Que confusão de opiniões circulariam entre as pessoas que escutavam Jesus. O que se diria d'Ele, quando se falava dos milagres e das curas? Podemos imaginar as discussões acesas sobre quem seria aquele galileu errante! Tanto sealaria que, quando Jesus pergunta: «Quem dizem os homens que é o Filho do homem?», eles não hesitam e respondem que o que se diz por aí é que Ele «é João Batista», ou então outros dizem «que é Elias, outros que é Jeremias ou algum dos profetas». Ainda hoje, tantas coisas se dizem sobre Jesus: um mestre de vida, um idealista, um pensador e até um sucessor de Buda!

«E vós, quem dizeis que Eu sou?» Pedro responde pessoalmente à pergunta e reconhece-O como o Cristo, o Filho de Deus vivo, o Salvador, aquele que é o cumprimento da pro-

messa de Deus e a concretização da nossa esperança. A resposta de Pedro é a nossa *profissão de fé*: Jesus é o Cristo, o único Cristo, o Filho unigênito do Pai, fonte da vida. Reconhecer em Jesus o Cristo de Deus, o Ungido e a Palavra de Deus está no núcleo do ser cristão e é entrar no conhecimento da relação do Pai com o Filho, reservada aos *pequeninos*.

Esta resposta de Pedro, na qual somos todos chamados a participar, gera o homem novo, como diz S. Paulo, isto é, faz-nos participar daquilo que Deus é porque reconhecemos quem temos diante de nós e isto prepara o nosso coração para O receber. Como Jesus

prontamente responde, não é pela sua inteligência que Pedro chega à conclusão que Jesus é o Filho de Deus. Na verdade, Pedro irá perceber mais tarde que o Cristo não é exatamente aquilo que ele pensava; Cristo, o Libertador, não é um libertador político como ele poderia pensar. Descobrirá que o Deus onipotente não é como ele imagina, mas é um Pai, onipotente no Amor, sempre pronto para perdoar porque é Amor.

Reconhecer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus vivo, mudou definitivamente a vida de Pedro. As suas prioridades orientaram-se para Ele, princípio e fim da sua existência.

E eu? Quem digo que Ele é?

Seg, 28 – SANTO AGOSTINHO (Memória)

1 Tes 1, 1-5.8-10 / Slm 149, 1-6.9 / Mt 23, 13-22

Quem jurar pelo santuário a nada se obriga; mas quem jurar pelo ouro do santuário tem de cumprir. (Evang.)

Os fariseus tinham esta determinação. Eram ávidos de dinheiro. Nós temos que analisar a nossa avidez. A nossa avidez analisa-se na medida da nossa generosidade. Na medida da nossa generosidade com quem precisa, com os amigos, com a família, com o Estado. No entanto, toda a caridade tem de ser discernida. Se alguns terão tendência a ser generosos demais, outros terão tendência a amearhar demais. Por isso, é bom fazer estas coisas com a ajuda do Espírito Santo.

Ter, 29 – MARTÍRIO DE S. JOÃO BATISTA (Memória)

1 Tes 2, 1-8 / Slm 138 (139), 1-6 / Mt 23, 23-26

Pagais o dízimo da hortelã, do funcho e do cominho, mas omitis (...) a justiça, a misericórdia e a fidelidade. (Evang.)

Dar aquela esmola miserável na missa é fácil. Mas nem é justo, nem misericordioso, nem fiel. Há sempre pessoas que acham que a lei manda pagar ordenados grandes demais a quem trabalha. Há corações para tudo. Há patrões cristãos(?) que nem percebem que consideram os empregados pessoas de segunda. Pagar uma coisa miseravelmente é fácil. Para alguns. E que tal pagar um salário misericordioso?... Isso será para o leitor? Reze.

Qua, 30 – SEMANA XXI DO TEMPO COMUM

1 Tes 2, 9-13 / Slm 138 (139), 7-12 / Mt 23, 27-32

Por dentro estão cheios de (...) podridão. (Evang.)

Os fariseus estavam cheios da sua vaidade e Jesus desmascarava-lhes a hipocrisia. Nós, normalmente, não temos coragem de fazer o mesmo com os hipócritas que nos aparecem pela frente nem eu acho que Jesus no-lo peça, a não ser para denunciarmos situações de injustiça, o que era o caso de Jesus . O que nós temos de fazer é vigiarmo-nos a nós próprios, não estejamos a dizer uma coisa e a mostrar outra. O leitor analise-se perante Deus.

Qui, 31 – SEMANA XXI DO TEMPO COMUM

1 Tess 3, 7-13 / Slm 89 (90), 3-4.12-14.17 / Mt 24, 42-51

Uma geração anuncia à outra as vossas obras. (Salmo)

Hoje o leitor reze pela sabedoria de anunciar à próxima geração as obras do Altíssimo. Seja o leitor pai, avô, religioso, reze pela sabedoria de ensinar a palavra do Senhor com o seu exemplo, a sua palavra, o seu testemunho. Atualmente, isso faz uma falta particular: as celebrações religiosas no nosso país estão a ficar sem pessoas dos 50 anos para baixo. Daí que seja preciso um especial cuidado, uma empatia especial na transmissão da palavra do Senhor.

Boa Nova para cada dia / setembro 2017

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos)

Tempo Comum – *Natividade da Virgem Santa Maria / Exaltação da Santa Cruz / S. Mateus, Apóstolo / S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael, Arcanjos*

Sex, 1 – SEMANA XXI DO TEMPO COMUM / 1ª Sexta-Feira

1 Tes 4, 1-8 / Slm 96 (97), 1.2.5-6.10-12 / Mt 25, 1-13

Talvez não chegue para nós e para vós. Ide comprá-lo aos vendedores. (Evang.)

Por causa desta atitude das virgens prudentes, as virgens insensatas ficaram de fora do banquete nupcial. Esta atitude das virgens prudentes foi aparentemente egoísta, mas só aparentemente. Elas não se deixaram explorar pelas virgens insensatas. Elas achavam que o azeite talvez não chegasse para os dois grupos. Às vezes, precisamos de ser determinados com as pessoas que se penduram em nós. Peçamos essa graça. Peçamos a graça da firmeza em relação a essas pessoas.

Sáb, 2 – SEMANA XXI DO TEMPO COMUM / 1º Sábado

1 Tes 4, 9-11 / Slm 97 (98), 1.7-9 / Mt 25, 14-30

Tive medo e escondi o teu talento na terra. (Evang.)

Nós, para quem um talento não é dinheiro mas um dom, podemos ter preguiça ou medo de começar a pôr um talento a render, porque podemos vir a descobrir que não temos esse tal talento. E isso dói. Dói muito, se nos esforçamos muito. Mas dói menos se considerarmos o desenvolvimento de um talento como uma maneira de amar a Deus. Assim, se verificarmos não ter esse talento, fica sempre o amor a Deus. É o amor a Deus que nos deve sempre nortear. O leitor reze sobre isso.

Dom, 3 – DOMINGO XXII DO TEMPO COMUM – Ano A

Jer 20, 7-9 / Slm 62 (63), 2.3-4.5-6.8-9 / Rom 12, 1-2 / Mt 16, 21-27

No Evangelho do Domingo passado víamos como Pedro responde à pergunta de Jesus: «E vós, quem dizeis que Eu sou?». Pedro faz uma profissão de fé perfeita, dizendo que Jesus é o Cristo, o Messias, o Filho do Deus altíssimo. Logo a seguir a esta resposta, o Senhor começa a explicar o significado daquela afirmação de Pedro. De facto, o que Pedro tem em mente ao dizer que Jesus é o Messias, o Filho de Deus vivo, não é aquilo que Jesus quer transmitir. Não é por acaso que Jesus impede os discípulos de dizerem que Ele é o Cristo: estes ainda não perceberam o significado de ser Cristo. Ainda estão dentro de uma mentalidade governada pelo sucesso e pela potência meramente humana.

Jesus *abre o jogo*, mostra-nos que Deus não é como nós pensamos. A salvação que Jesus nos traz não é a satisfação dos nossos desejos! Deus não é um tapa buracos ou uma espécie de *super seguro de saúde* que nos protege de doenças ou acidentes. Deus revela-Se na pobreza, no serviço e na humildade. É esta a via do Senhor que é Amor. É esta a estrada que Ele nos convida a atravessar, na certeza de que a sua presença é constante e nunca nos abando-

na, até ao abraço definitivo.

A cruz é escandalosa e, diante do injusto sofrimento do Justo, S. Pedro não resiste e contraria o anúncio da cruz de Jesus. Esta reação de Pedro é muito importante porque revela o quanto os nossos pensamentos estão longe dos pensamentos de Deus. Pedro gosta de Jesus e não quer que Ele sofra. Com toda a boa vontade, os seus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens. São pensamentos diabólicos porque dividem: ele está convencido que tem razão, pensa que sabe o que é o melhor: Jesus não pode ir à cruz! Ora, Jesus não veio para nos salvar do sofrimento, mas da morte!

Pedro ainda tem a mentalidade do *homem velho*, ainda não percebeu quem é Jesus. Sim, já percebeu que Jesus é o Messias, mas ainda não sabe quem é o Messias e o que é a salvação que Ele nos traz. Por isso Jesus diz, literalmente, «vai para trás de Mim, Satanás», isto é, «segue-Me». Dito de outra forma: *põe-te no teu lugar*. Qual é o lugar de Pedro? Qual é o lugar de todo aquele que pretende ser discípulo de Jesus? Atrás d'Ele! Seguindo o Senhor tornar-nos-emos como Ele! O caminho que somos chamados a trilhar não é da vida para a morte, mas

aquele da vitória da Vida sobre a morte para, em Cristo, chegarmos à plenitude da vida. É seguindo o mestre que o discípulo realiza o seu desejo mais profundo, a realização plena daquilo que somos, o nascimento do *homem novo*, como diz S. Paulo.

A tentação de Pedro, que também é nossa, é pensar que já sabe tudo, já sabe quem é o

Senhor e, ainda mais, sabe o que é melhor para Ele. A saída é colocarmo-nos atrás do Mestre e deixar que seja Ele quem nos guia. «*Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida?*» Que nos aproveita termos uma vida sem problemas e sem dificuldades, mas sem amor? Que *aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se não amar?*

Seg, 4 – SEMANA XXII DO TEMPO COMUM

1 Tes 4, 13-18 / Slm 95 (96), 1.3-5.11-13 / Lc 4, 16-30

Mas Jesus, passando pelo meio deles... (Evang.)

O leitor repare que Jesus passa entre aquela gente numa situação extrema, quando eles iam deitá-Lo do penhasco abaixo. Também nós não devemos desesperar, até ao último instante, da ajuda de Deus, não nos devemos dar por vencidos, até ao último instante e mesmo para lá dele, porque Deus está sempre connosco.

Às vezes, é depois de parecer que estamos completamente derrotados que Deus Se nos revela. O leitor medite sobre isto e, se possível, traga à memória algum episódio destes da sua vida.

Ter, 5 – SEMANA XXII DO TEMPO COMUM

1 Tes 5, 1-6.9-11 / Slm 26 (27), 1.4.13-14 / Lc 4, 31-37

Vieste para nos destruir? (Evang.)

Perguntam os demónios a Jesus. Nós, ou temos Deus dentro de nós ou temos o Mal. Não há nenhum estado intermédio. E há pessoas que têm muito, muito Mal, muito, muito pouco Deus. É sobretudo por essas pessoas que Nossa Senhora pede aos (santos) pastorinhos que rezem. O leitor tem o hábito de rezar pelos pecadores, por aquelas pessoas que caíram debaixo do domínio do Mal? Hoje podia fazer isso...

Qua, 6 – SEMANA XXII DO TEMPO COMUM

Col 1, 1-8 / Slm 51 (52), 10.11ab.11cd / Lc 4, 38-44

... que fizesse alguma coisa por ela. (Evang.)

Ao contrário do costume, não pediram a Jesus a cura da sogra de Simão, mas «que fizesse alguma coisa». Puseram a senhora completamente nas mãos de Jesus. Devíamos aprender com isso. Tantas vezes pedimos alguma coisa a Deus pedindo logo a solução, em vez de pormos o problema nas mãos de Deus. Passemos a pedir a Deus «que faça alguma coisa», pois «o vosso Pai bem sabe o que precisais». Meu caro leitor, hoje medite sobre isto.

Qui, 7 – SEMANA XXII DO TEMPO COMUM

Col 1, 9b-14 / Slm 97 (98), 2-3ab.3cd-4.5-6 / Lc 5, 1-11

Sou um (...) pecador. (...) serás pescador de homens. (Evang.)

Jesus torna Pedro pescador de homens. Pedro não se sentia digno por causa dos seus pecados. Neste sentido, nenhum de nós é digno. E se Jesus fosse a escolher quem não pecasse, teria que escolher a Senhora sua Mãe para tudo. A consciência da finitude do nosso amor é essencial ao nosso progresso e o aumento dessa consciência é um sinal de progressão. Hoje, o leitor veja em que é que progrediu desde há um ano. Escolha um assunto.

Sex, 8 – NATIVIDADE DA VIRGEM SANTA MARIA (Festa)

Miq 5, 1-4 ou Rom 8, 28-30 / Slm 12 (13), 6 / Mt 1, 1-16.18-23 ou 1, 18-23

Ele salvará o povo dos seus pecados. (Evang.)

É extraordinário termos um Deus que nos salva dos nossos pecados, que faz os nossos pecados desaparecerem. O que seria de nós se os nossos pecados não desaparecessem? Afundar-nos-íamos cada vez mais no mal? Deus criou-nos com a possibilidade de fazermos mal, mas assim que nos arrependemos, salva-nos desse mal. Isso é imenso. Hoje agradeçamo-lo a Deus.

Sáb, 9 – SEMANA XXII DO TEMPO COMUM

Col 1, 21-23 / Slm 53 (54), 3-4.6.8 / Lc 6, 1-5

O Filho do homem é senhor do sábado. (Evang.)

O Filho do homem é senhor de tudo e nós, irmãos do Filho do homem (cf. *Carta aos Hebreus*), também. Por isso, temos de tratar bem de tudo. Temos de tratar bem do coração do outro. De alguma maneira, somos senhores do coração do outro, porque lhe podemos infligir danos muito grandes. Também somos senhores do corpo do outro. Com o aborto isso é, infelizmente, bem patente. Por isso, temos de estar sempre em profunda união com Deus para que a nossa relação com o outro seja sempre de amor. Hoje o leitor faça um exame ao seu amor.

Dom, 10 – DOMINGO XXIII DO TEMPO COMUM – Ano A

Ez 33, 7-9 / Slm 94 (95), 1-2.6-9 / Rom 13, 8-10 / Mt 18, 15-20

«Não devais a ninguém coisa alguma, a não ser o amor de uns para com os outros, pois quem ama o próximo, cumpre a lei», diz S. Paulo na segunda leitura deste Domingo. E como se exprime o amor na relação com os irmãos? Na verdade, que é Cristo. Muitas vezes, confundimos a verdade, que é Cristo, com «dizer umas verdades», que é sinónimo da grande mentira do orgulho. A Verdade, porque é Cristo, é o Amor que se exprime sempre na caridade. A verdade daquele que se encontra à nossa frente é que Cristo morreu por ele e é um filho de Deus. O resto são pormenores. O amor, expresso na caridade, nunca se separa da verdade da pessoa que se encontra à nossa frente.

No Evangelho, vemos a verdade da caridade dos filhos de Deus em ação na *correção fra-*

terna. Quando rezamos este texto, podemos até ficar com a impressão de que está em contradição com outras passagens em que Jesus nos ordena para não julgar os outros, ou com a parábola do trigo e do joio. Na verdade, a correção fraterna dos irmãos é sinal de grande amor e só num contexto de amor pode ser feita. Só uma comunidade onde todos se sentem acolhidos na sua diversidade, com os seus limites, onde não se sentem julgados quando erram, onde se sentem perdoados quando reconhecem o erro, onde os que se perdem são procurados e onde os pecadores são perdoados pode compreender estas palavras de Jesus. Sem amar, sem aceitar incondicionalmente o outro tal como é e onde se encontra na peregrinação da sua vida, não existe correção

fraterna. Toda e qualquer chegada feita sem ser por amor, sem interesse próprio, descamba sempre em crítica, mais ou menos maldosa, em ajuste de contas, em «dizer umas verdades». Só se a pessoa se sente verdadeiramente acolhida e amada pode receber uma observação sem a sentir como sendo uma agressão ou uma invasão da sua intimidade. Só quem está pronto a receber uma correção fraterna pode corrigir fraternamente, sem julgar.

Onde há verdadeiro amor, há correção fraterna. Esta é fundamental para que nos relacionemos como irmãos que se amam e não como conhecidos que convivem sem conflitos. Esta é um modo concreto de procurar aqueles que se desviaram no caminho, para que não se percam! É expressão da misericórdia do Senhor.

O pecado rompe com a fraternidade. Põe as nossas necessidades ao centro. Faz de nós juizes dos outros e vira-nos para dentro. O amor faz com que nos desenrolemos de nós mesmos e abre-nos aos outros. Por isso, se alguém nos fizer uma observação com amor, *se a escutarmos, teremos ganho um irmão!*

Só o amor reconduz um irmão perdido de volta a casa. Não o julgamento. Não a ameaça. Não a inveja. Jesus, o Bom Pastor, é aquele que nos reconduz a todos de volta à comunidade. Recordemos que Jesus coloca esta proposta ao fim de dezoito capítulos do Evangelho de S. Mateus: não nos permitamos a audácia de tentar corrigir alguém sem fazer este percurso de dezoito capítulos de Evangelho, para que seja o Amor quem corrige e não o nosso autoconvencimento.

Seg, 11 – SEMANA XXIII DO TEMPO COMUM

Col 1, 24 – 2, 3 / Slm 61 (62), 6-7.9 / Lc 6, 6-11

... e encontrarem assim um pretexto para O acusarem. (Evang.)

Muitas vezes, não precisamos de pretextos para acusar o outro. Os seus defeitos são muito evidentes. E, às vezes, os seus defeitos são tão evidentes que projetam uma sombra sobre toda a sua figura e é mesmo difícil ver o seu lado positivo. Peçamos a Deus a graça de vermos o lado positivo das pessoas de quem não gostamos. O leitor pense numa pessoa dessas.

Ter, 12 – SEMANA XXIII DO TEMPO COMUM

Col 2, 6-15 / Slm 144 (145), 1-2.8-9.10-11 / Lc 6, 12-19

Saía d'Ele uma força que a todos sarava. (Evang.)

Ainda hoje sai de Jesus uma força que a todos sara, uma força que sara o mal em todos. Entreguemo-nos a essa força, entreguemo-nos a essa força com um método trinitário. Peçamos ao Pai a sua bênção, peçamos a Jesus a sua doutrina, ao Espírito Santo a sua luz. Que o Pai nos proteja, Jesus nos ensine e o Espírito Santo nos ilumine na aplicação desses ensinamentos. *Ámen. O leitor faça isso hoje.*

Qua, 13 – s. JOÃO CRISÓSTOMO (Memória)

Col 3, 1-11 / Slm 144 (145), 2-3.10-11.12-13ab / Lc 6, 20-26

Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem. (Evang.)

Às vezes, não estarmos de bem com todos é um bom sinal. É sinal que somos coerentes, é sinal que incomodamos (bem), é sinal que temos princípios. Só que isso é muito desagradável para nós. (Mais desagradável para uns feitos do que para outros.) E, portanto, às vezes fugimos a dar a nossa opinião. Seja como for, o importante é que nas coisas essenciais, numa conversa ou em outras circunstâncias, não se tenha dúvidas sobre a nossa opinião. O leitor reze pela sua coerência.

Qui, 14 – EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ (Festa)

Num 21, 4b-9 / Slm 77 (78), 1-2.34-35.36-37.38 / Jo 3, 13-17

Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho. (Evang.)

E entregou o seu Filho a cada um de nós, como se cada um de nós fosse a ÚNICA pessoa à face da Terra. E cada um de nós pode ter uma relação pessoal e única com Cristo porque Cristo é Deus, de maneira que Cristo dá-*Se* totalmente a cada um de nós, não é só uma parte, como os humanos. O leitor peça o aprofundamento desta graça a Jesus.

Sex, 15 – NOSSA SENHORA DAS DORES (Memória)

Hebr 5, 7-9 / Slm 30 (31), 2-6.14-16.20 / Jo 19, 25-27 ou Lc 2, 33-35

E a partir daquela hora o discípulo recebeu-a em sua casa. (Evang.)

Nós temos que estar sempre a receber Nossa Senhora. Mas como é que o vamos fazer na prática? Podíamos pedir a Nossa Senhora que nos ensinasse a aperfeiçoar aquela meditação de todas as coisas no nosso coração como Ela fazia com o que lhe acontecia (Lc 2, 19). Porque Nossa Senhora, algumas vezes, não percebia Jesus ou sofria por causa d'Ele. Isso não nos acontece também? Pois peçamos a Nossa Senhora a graça de sabermos meditar como ela.

Sáb, 16 – S. CORNÉLIO E S. CIPRIANO (Memória)

1 Tim 1, 15-17 / Slm 112 (113), 1-5.6-7 / Lc 6, 43-49

A torrente irrompeu contra aquela casa mas não a pôde abalar. (Evang.)

Isto diz Jesus daqueles que fazem a sua vontade. Se estamos habituados à intimidade com Deus, não nos deixamos abalar na nossa fé. Não é que pensemos que não nos acontece nada de mal. Acontece. Mas sentimos uma força interior «diferente» do que em períodos em que não cultivamos tanto a relação com Deus. Essa força perpassa os acontecimentos maus que nos acontecem ou, às vezes, conseguimos mesmo ver a mão de Deus a amparar-nos.

Dom, 17 – DOMINGO XXIV DO TEMPO COMUM – Ano A

Sir 27, 33 – 28, 9 / Slm 102 (103), 1-4.9-12 / Rom 14, 7-9 / Mt 18, 21-35

Diz-nos S. Paulo, na segunda leitura, que «nenhum de nós vive para si mesmo e nenhum de nós morre para si mesmo. Se vivemos, vivemos para o Senhor e se morremos, morremos para o Senhor». Mas o que significa viver *não para si mesmo, mas para o Senhor*? O Evangelho responde e mostra-nos o que significa *viver para o Senhor* no concreto das nossas relações uns com os outros.

O fundamento da nossa relação com os outros é o modo

como o Senhor se relaciona com cada um de nós. Aquilo que o Senhor faz por mim, sou chamado a fazer pelos outros. Jesus diz que nos amemos com o mesmo amor com que Ele nos ama. S. Paulo, na carta aos Efésios, diz: «Sede, antes, bondosos uns para com os outros, compassivos; perdoai-vos mutuamente, como também Deus vos perdoou em Cristo», tal como podemos ver no Evangelho. A justiça de Deus não é uma justiça que estabelece a paridade,

em que cada um paga os seus erros. É uma justiça superior, é a justiça do Amor, a justiça da misericórdia e do perdão. Não vale a pena estarmos sempre a falar do pecado se isto nos fizer olhar ainda mais para nós mesmos, mas a consciência que temos do perdão e do Amor de Deus é proporcional à consciência do nosso pecado. Assim, vemos como este homem tem uma dívida de dez mil talentos, uma dívida absurdamente elevada: ninguém, nem mesmo um rei poderoso e rico teria a capacidade de a saldar. É assim que Se comporta Deus connosco: quando nos apercebemos das nossas faltas de amor e Lhe suplicamos ajuda e perdão, Ele não Se poupa na misericórdia e no Amor. Perdoar é uma característica divina.

Ora, é o Espírito Santo que dá a vida. Ele é a vida e manifesta-Se no perdão. Por paradoxal e estranho que nos possa parecer, as culpas dos outros em relação a mim, isto é, aquilo que de mal me fazem é uma oportunidade que me permite perdoar tal como sou perdoado. É fácil? Não! É impossível, mas é participação na vida divina, que só a graça de Deus nos pode conseguir.

Aqueles que nos incomodam,

com quem não simpatizamos ou nos fizeram alguma coisa de mal e que às vezes nos levam a dizer que seria melhor que não estivessem por perto são, paradoxalmente, aqueles que mais nos podem ajudar a tornarmos-nos como Deus. Quase podemos dizer que ainda bem que há o mal para podermos ser mais como Deus, que é perdão, recordando o que diz S. Paulo: *onde abunda o pecado, sobreabunda a graça*. O mal que, na minha falta de liberdade, cometo é oportunidade para me reconhecer pecador perdoado; o mal que me fazem é ocasião para agir como Deus e ser manifestação do seu perdão. Claro que isto não é uma desculpa para pecarmos, mas é uma oportunidade para reconhecermos que, sozinhos, pecamos. O perdão é o coração do viver cristão; é o triunfo do amor gratuito: não existe amor sem perdão.

Diz o beato Charles de Foucauld que «*o perigo está em nós e não nos nossos inimigos. Os nossos inimigos só nos podem fazer obter vitórias*». Aqueles que nos fazem mal, se os encaramos como Cristo, contribuem para que possamos experimentar o poder de Deus, que é o perdão; e muito perdoa quem muito foi perdoado!

Seg, 18 – SEMANA XXIV DO TEMPO COMUM

1 Tim 2, 1-8 / Slm 27 (28), 2.7.8-9 / Lc 7, 1-10

Nem mesmo em Israel encontrei tão grande fé. (Evang.)

É sempre possível ter mais fé do que «nós». Mas «nós» também podemos deixar-nos picar saudavelmente e não deixar que outros tenham mais fé que nós. A mim parece-me um concurso legítimo, se bem que só Deus é que sabe. Mas o leitor pode pensar no que faria se decidisse aumentar a sua fé. (Ou acha que a sua fé não depende de si? Achará que é um dom de Deus e mais nada? Com certeza que não...)

Ter, 19 – SEMANA XXIV DO TEMPO COMUM

1 Tim 3, 1-13 / Slm 100 (101), 1-2ab.2cd-3ab.5.6 / Lc 7, 11-17

Deus visitou o seu povo. (Evang.)

A visita de Deus foi humilde, dedicada aos pecadores, aos doentes, aos possessos do demónio e às famílias com pessoas que já tinham morrido. Chamou a atenção sobre os deserdados. Nada disso obviou a que acabasse numa cruz. Depois Ele ressuscitou e mandou o Espírito Santo para ficar permanentemente no meio de nós. Mas é uma presença suave, como uma brisa ligeira. Hoje o leitor peça sensibilidade a esta brisa.

Qua, 20 – SS. ANDRÉ KIM TAE-GON, PAULO CHONG HA-SANG E CC. (Memória)

1 Tim 3, 14-16 / Slm 110 (111), 1-2.3-4.5-6 / Lc 7, 31-35

E vós dizeis: «Tem o demónio com ele. (...) e vós dizeis: «É um glutão e um ébrio, amigo de publicanos e pecadores». (Evang.)

Jesus era criticado por ir a banquetes e por se dar com pecadores. Era criticado por curar ao sábado e perseguido por ressuscitar. No fundo, Jesus era odiado pelos que O criticavam e que haviam de indispor as massas contra Ele. Hoje o leitor peça a graça de ser criticado por ser amigo das pessoas que não são as que a sociedade preza. O nosso mundo pessoal tem de se abrir a toda a gente, mesmo àqueles a quem a sociedade põe de lado. Rezemos por estas pessoas.

Qui, 21 – S. MATEUS, Apóstolo (Festa)

Ef 4, 1-7.11-13 / Slm 18 A (19 A), 2-3.4-5 / Mt 9, 9-13

Ide aprender o que significa: «Prefiro a misericórdia ao sacrifício». (Evang.)

Antes de praticar temos de aprender. Muitas vezes, entendemos que nos comportamentos ditados por Jesus a única coisa que temos de fazer é passar à prática. Isso seria como construir uma casa começando por pôr tijolos uns em cima dos outros, sem fazer os alicerces. É por isso que, às vezes, não se progride. Anda-se à força de voluntarismo, mas sem inteligência nem agilidade. Caro leitor, peça ao Espírito Santo que Ele o conduza.

Sex, 22 – SEMANA XXIV DO TEMPO COMUM

1 Tim 6, 2c-12 / Slm 48 (49), 6-7.8-10.17-18.19-20 / Lc 8, 1-3

Serviam Jesus e os discípulos com os seus bens. (Evang.)

Neste episódio vê-se que o problema dos ricos não é serem ricos, é o uso que fazem do seu dinheiro; e onde têm o seu coração. As mulheres tinham fé porque Jesus tinha podido atuar sobre elas. Eram fiéis a Jesus e punham o seu dinheiro ao serviço da construção do Reino. Eis um bom uso para o dinheiro. O leitor reze. O que faz ao seu dinheiro? Alguma vez rezou sobre o uso que dá ao seu dinheiro? Não o quer fazer hoje?

Sáb, 23 – SEMANA XXIV DO TEMPO COMUM

1 Tim 6, 13-16 / Slm 99 (100), 2-5 / Lc 8, 4-15

Naquele tempo reuniu-se uma grande multidão que vinha ter com Jesus de todas as cidades. (Evang.)

Com a dificuldade de transportes que havia naquela época, isto significava muito. Hoje proponho ao leitor duas coisas: que reze pelas pessoas que vão «à sua» missa na paróquia e que, também, da próxima vez que for, se faça um com todas aquelas pessoas que vão estar com Jesus, como aquelas que foram ver Jesus «naquele tempo».

Dom, 24 – DOMINGO XXV DO TEMPO COMUM – Ano A

Is 55, 6-9 / Slm 144 (145), 2-3.8-9.17-18 / Filip 1, 20c-24.27a / Mt 20, 1-16a

A parábola que o Evangelho deste domingo nos oferece pode ser bastante irritante. De facto, mexe com o nosso bolso e com aquilo que consideramos ser justo. Dá uma machadada no nosso modo mercantilista de conceber o amor. Então é justo que aqueles que só trabalham uma hora recebam o mesmo que quem trabalhou todo o dia e suportou o peso do calor? Não, aos nossos olhos não é justo, numa lógica mercantilista, não, não é justo, mas a justiça de Deus não é mercantilista, é a justiça da misericórdia e do amor.

Esta parábola destrói a nossa lógica de posse e a pretensão que temos de ser justos e de merecer o amor de Deus só porque cumprimos. Queremos, com o nosso cumprir, comprar o reino dos Céus, que é a todos oferecido. Queremos, com as nossas boas obras, *merecer, conquistar* o amor do Pai e o reino dos Céus e esquecemos que não temos nenhum merecimento naquilo que nos é oferecido como puro dom da Graça.

O Senhor não é injusto: de facto, oferece aos primeiros exatamente aquilo que tinha

acordado, mas os *trabalhadores da primeira hora*, que tiveram o privilégio de colaborar na edificação do Reino por mais tempo, os que foram chamados em primeiro lugar, são como o filho mais velho na parábola do Pai de Misericórdia, que fica irritado e irado com a festa que o Pai organiza para o filho mais novo. Irrita-se porque o Pai é bom, tal como os trabalhadores da primeira hora ficam invejosos quando percebem que o Senhor é *misericordioso, clemente, magnânimo e de grande amor* (cf. Gen 4, 2) e trata com amor os trabalhadores da última hora.

É importante que estejamos atentos à nossa consciência para não cairmos na tentação de sermos ricos espiritualmente. Aqueles que são ricos materialmente estão agarrados aos seus bens materiais, enquanto os ricos espiritualmente estão agarrados aos seus bens espirituais, às suas certezas e até àquilo que consideram o seu trabalho na edificação do Reino e, assim, não reconhecem o Senhor presente nos irmãos: os trabalhadores da primeira hora, aqueles que nunca abandona-

ram o Senhor e passaram uma vida inteira procurando seguir a sua vontade, se não são pobres em espírito, arriscam-se a rejeitar o Senhor presente nos últimos, nos pobres e marginalizados, porque Ele é magnânimo e bom.

A salvação, seja para quem passa uma vida inteira ao serviço de Deus, seja para quem O descobre no leito de morte, é o amor gratuito do Pai. Não o podemos conquistar só com o suor: é dom! A vida eterna «conquista-se», não fazendo mais coisas, mas deixando tudo, como Jesus diz ao jovem rico, e seguindo-O. Somos convidados a deixar tudo, inclusi-

ve os nossos bens espirituais, para podermos colocar a nossa esperança, não em nós mesmos e nas nossas capacidades, mas só n'Ele. O reino dos Céus é dos pobres em espírito! Dos pequeninos! Daqueles que sabem que nada merecem, mas que tudo lhes é oferecido e que, por isso, tudo acolhem como dom.

O trabalhador da primeira hora tem em si a alegria de estar junto do Pai. Se assim não for, mesmo que formalmente esteja ao serviço d'Ele, é como o Filho mais velho, que ainda não percebeu quem é o Pai e que grande alegria é estar junto d'Ele toda a vida.

Seg, 25 – SEMANA XXV DO TEMPO COMUM

Esd 1, 1-6 / Slm 125 (126), 1-6 / Lc 8, 16-18

Tende cuidado com a maneira como ouvis. (Evang.)

Se não ouvirmos de uma maneira adequada à mensagem, não a conseguiremos transmitir bem, isto é, a nossa candeia não dará luz. E se a nossa candeia não der luz, ser-nos-á tirada. Porque se ouvirmos mal o que Deus nos diz, a relação com Deus não nos serve de nada. É uma relação estéril. Daí que Jesus nos diga que mesmo aquilo que julgamos ter nos será tirado. Para ouvirmos bem precisamos de silêncio interior, reta intenção, interação com os nossos irmãos. O leitor peça a graça destas condições.

Ter, 26 – SEMANA XXV DO TEMPO COMUM

Esd 6, 7-8.12b.14-20 / Slm 121 (122), 1-2.3-4a.4b-5 / Lc 8, 19-21

Minha Mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus. (Evang.)

Uma pessoa pode estar ligada a outra por laços de sangue mas, se não comunicarem, não pode haver família. Também Jesus nos diz que quem não ouvir a sua palavra não é da sua família. No sentido inverso, ao ouvirmos a palavra de Jesus ficamos a pertencer à sua família. E o que é ouvir a palavra? É ouvi-la com o coração, para que ela se transforme na nossa prática. Hoje o leitor medite em como tem ouvido a palavra de Jesus.

Qua, 27 – S. VICENTE DE PAULO (Memória)

Esd 9, 5-9 / Tob 13, 2.3-4a.4bcd.5.8 / Lc 9, 1-6

Sacudi o pó dos vossos pés como testemunho contra eles. (Evang.)

«Como testemunho» de que não há nada a fazer. É o tal pecado contra o Espírito Santo. O pior dos pecados, o do coração fechado. Mas está-se sempre a tempo de rezar por essas pessoas. Até ao fim, as pessoas podem sempre abrir o seu coração. Temos que rezar muito por essas pessoas, como Nossa Senhora pediu. O leitor, hoje, reze uma dezena do terço por essas pessoas.

Qui, 28 – SEMANA XXV DO TEMPO COMUM

Ageu 1, 1-8 / Slm 149, 1-6a.9b / Lc 9, 7-9

Louvem o seu nome com danças, (...) porque o Senhor ama o seu povo. (Salmo)

Hoje proponho ao leitor que louve a Deus, que agradeça a Deus por um motivo particular ou um conjunto de coisas. Daí podemos passar para outra coisa ou para outro conjunto e ir progredindo no louvor a Deus que, muitas vezes, é uma faceta menos desenvolvida da nossa relação com Ele. Hoje o leitor agradeça alguém a Deus.

Sex, 29 – S. MIGUEL, S. GABRIEL, S. RAFAEL, Arcanjos (Festa)

Dan 7, 9-10.13-14 ou Ap 12, 7-12 / Slm 137 (138), 1-5 / Jo 1, 47-51

Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento. (Evang.)

Em nós também não deve haver fingimento. Mas o que é que isso quer dizer? Estamos a falar no campo espiritual. Quer dizer que não deve haver pecado. Quer dizer que não deve haver uma dicotomia entre o afirmado, o sentido e o feito. Quer dizer que

todos os nossos elementos devem convergir para o mesmo fim: amar. O leitor ama com o coração, o espírito e a cabeça?

Sáb, 30 – s. JERÓNIMO (Memória)

Zac 2, 5-9.14-15a / Jer 31, 10-13 / Lc 9, 43b-45

Mas tinham medo de O interrogar sobre tal assunto. (Evang.)

O «tal assunto» era a morte de Jesus. Os discípulos tiveram medo de falar com Jesus sobre esse assunto. Talvez daí não estarem preparados para a morte de Jesus e terem dispersado. A nossa fé tem de nos ajudar a encarar de frente as horas más. Temos de ter uma relação tal com Deus que, nas horas más, tenhamos a certeza que está connosco. Exercitemos isso. Hoje o leitor reze por esta intenção.

Durante o verão
não pare para rezar

Leve consigo a sua oração

passo a
rezar

www.passo-a-rezar.net

www.facebook.com/passoarezar.net